

---

# MATEUS:

## “O EVANGELHO DO REI”

**P**or todo o Antigo Testamento, de Gênesis a Malaquias, o tema da vinda do Rei e do reino de Deus é predito (Gênesis 3:15; 49:10; 2 Samuel 7:16; Salmos 2:6–8; Malaquias 3:1). Os profetas predisseram que o Rei seria tanto humano quanto divino (Isaías 7:14; 9:6, 7; Daniel 7:13, 14). Segundo o profeta Sofonias, Ele seria “o Rei de Israel, o Senhor... no meio de ti” (Sofonias 3:15). Ele seria “justo e salvador”, e quando Ele finalmente viesse, todas as famílias da terra poderiam adorá-LO (Zacarias 9:9; 14:17). Pedro nos alerta que nenhum desses homens compreendeu totalmente o que estava profetizando (1 Pedro 1:10, 11).

A identidade e a natureza plena desse Rei são apresentadas e explicadas nos quatro Evangelhos. Mateus, o primeiro na disposição dos livros do Novo Testamento, foi considerado unanimemente pelos eruditos antigos o primeiro Relato do Evangelho a ser escrito<sup>1</sup>. Muitos acadêmicos modernos, porém, adotaram a opinião de que Marcos foi escrito primeiro.

O fato de Mateus, Marcos e Lucas (“os Evangelhos Sinóticos”) serem tão semelhantes em muitos pontos levantou perguntas sobre a dependência literária e a ordem de cada registro. Este problema é normalmente denominado “o problema sinótico”. Sendo assim, com base em estudos linguísticos, algumas correntes de estudiosos do Novo Testamento contestam que Marcos tenha sido o primeiro Evangelho a ser escrito. Isto depende inteiramente de uma leitura das relações entre Marcos, Mateus e Lucas. Não sabemos convictamente como o Espírito Santo guiou Mateus, Marcos, Lucas e João na redação dos quatro Evangelhos. Talvez eles tenham dependido uns dos outros; talvez tenham usado uma fonte comum. Talvez um pouco dos dois. É improvável que venhamos a descobrir qual Evangelho veio a existir primeiro com base apenas em estudos linguísticos<sup>2</sup>.

Num sentido, Deus não nos deu quatro evangelhos; Ele nos deu apenas uma mensagem evangélica que é apresentada de quatro perspectivas diferentes. A palavra grega para “evangelho”, εὐαγγέλιον (*euangelion*), foi usada pela primeira vez no Novo Testamento para descrever a boa notícia da vinda de Cristo à terra, o qual trouxe a oferta da salvação para toda a humanidade. É muito possível que o uso que Marcos fez da palavra “evangelho” na primeira frase de seu relato tenha levado à posterior transformação do termo num título para os outros três registros da vida de Cristo.

Mateus pode ser visto como “O Evangelho do Rei” porque apresenta Jesus de Nazaré como o Rei que veio. A palavra “reino” (βασιλεία, *basileia*) aparece 162 vezes no Novo Testamento<sup>3</sup>. Em suas várias formas, este termo é usado 55 vezes só no Evangelho de Mateus! Uma expressão única em Mateus é o “reino dos

---

<sup>1</sup>Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* 3.24.6–7; 3.39.16; 6.25.4–6; Ireneu, *Contra Heresias* 3.1.1. Agostinho escreveu: “Marcos segue [Mateus] de perto e parece ser um compêndio” (Agostinho, *Harmonia dos Evangelhos* 1.2.4).

<sup>2</sup>Veja mais uma defesa de Marcos como prioridade em B. H. Streeter, *The Four Gospels: A Study of Origins*. Londres: Morrison e Gibb, 1924; reimpressão, Londres: Macmillan & Co., 1953), pp. 151–98; e desafios a este ponto de vista em William R. Farmer, *The Synoptic Problem*. Nova York: Macmillan Co., 1964. Farmer defendeu Mateus. Veja também Robert H. Stein, “Synoptic Problem”, em *Dictionary of Jesus and the Gospels*, ed. Joel B. Green and Scot McKnight. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992, pp. 784–92.

<sup>3</sup>As contagens de vocábulos aqui citadas baseiam-se no texto grego e no *software* Accordance®, © 2003, OakTree Software, E.U.A.

céus”, que ocorre 32 vezes<sup>4</sup>. Embora a expressão o “reino de Deus” seja usada muitas vezes nos outros Relatos do Evangelho, ela é usada apenas 4 vezes em Mateus. No Novo Testamento, Jesus é referido como “Rei” pelo menos 35 vezes, e Seu “reino” é mencionado pelo menos 6 vezes. Ele também é descrito com frequência pelo termo “Senhor” (κύριος, *kurios*) – talvez umas 32 vezes – no Evangelho de Mateus. Mateus foi o único escritor do evangelho que usou a palavra “igreja” (ἐκκλησία, *ekklesia*) (16:18; 18:17), que significa “uma assembleia”, “uma congregação” ou “um conjunto de pessoas chamadas para fora”. Este termo é usado com frequência em Atos e nas Epístolas, mas a palavra “reino” é raramente usada nesses livros.

Encontram-se com frequência em Mateus alusões a Deus como Pai. Com referência a Jesus, a expressão “Filho de Deus” ocorre 7 vezes. R. T. France enumerou quatro usuários dessa designação:

Geralmente... os termos relativos a Jesus como Filho de Deus ocorrem não da parte de Jesus mas do que os outros dizem sobre ele, seja o próprio Deus (3:17; 17:5), Satanás ecoando a voz de Deus (4:3, 6), demônios que possuem conhecimento sobrenatural (8:29) ou os discípulos, à medida que o entendimento deles acerca de Jesus começa a se aprofundar (14:33; 16:16–17).<sup>5</sup>

“Filho do Homem” aparece 31 vezes em Mateus como uma das autodesignações favoritas de Jesus. No Antigo Testamento, o termo geralmente enfatiza a humanidade de uma pessoa (como em Ezequiel), mas também aparece na visão profética de Daniel 7:13, 14, onde “um como o Filho do Homem” “vinha sobre as nuvens” e recebia o reino eterno do Ancião de Dias.

### AUTOR E TÍTULO

O nome do autor não é especificado dentro do texto deste relato. Todavia, o livro tornou-se conhecido como “O Evangelho Segundo Mateus” logo no início do segundo século. Donald A. Hagner acreditava que Mateus foi logo reconhecido como um escritor do Evangelho:

É difícil crer que o Evangelho fosse atribuído a Mateus sem boas razões, visto que, pelo que sabemos dos dados disponíveis, Mateus não era

<sup>4</sup>O termo “céu” era muito usado pelos judeus como uma forma indireta de se referir a Deus, ou seja, uma perífrase.

<sup>5</sup>R. T. France, *The Gospel According to Matthew*, The Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 47.

uma figura predominante entre os apóstolos ou na Igreja primitiva (sendo o seu nome mencionado somente uma vez fora dos Evangelhos em Atos 1:13).<sup>6</sup>

Não existe prova substancial de que este livro tenha tido outro título ou que tenha sido atribuído a algum outro autor. Tudo indica que o autor do volume foi o apóstolo Mateus, “filho de Alfeu” (9:9).

Mateus era um cobrador de impostos quando Jesus o chamou na “coletoria” (Lucas 5:27). Embora Mateus não seja chamado de “Levi” no Evangelho que ele escreveu, em Marcos e Lucas o nome “Levi” é usado (Marcos 2:14, 15; Lucas 5:27–29). Nesses mesmos livros, assim como em Atos, na lista dos nomes dos apóstolos, ele é chamado de “Mateus” e não de “Levi” (Marcos 3:18; Lucas 6:15; Atos 1:13).

O fato de Mateus também ser chamado “Levi” não indica necessariamente que ele descendia da tribo levita. A mera citação desse nome dificilmente parece ser prova suficiente para se chegar a tal conclusão. Visto que os levitas eram bem conhecidos e geralmente respeitados, “Levi” era um nome popular entre os judeus. Embora na época de Cristo muitos sacerdotes levitas fossem corruptos, é difícil crer que um homem como Mateus tivesse abandonado o ofício de sacerdote para se tornar um menosprezado cobrador de impostos.

A antiga profissão de Mateus como cobrador de impostos é compatível com sua habilidade de redigir um relato do evangelho. Alguém de Cafarnaum, como Mateus, conheceria grego e aramaico e seria habilidoso no uso e registro de figuras. Sem dúvida, essa pessoa seria capaz de redigir um relato dos ensinamentos e ministério de Jesus<sup>7</sup>. Alguns especulam se Mateus teria atuado como uma espécie de “redator de diário” para o grupo de discípulos<sup>8</sup>.

### TEXTO

O Evangelho de Mateus é citado com frequência como “o Evangelho dos Hebreus”. Escritores da igreja primitiva deixaram algumas referências ao fato de Mateus ter escrito originalmente na língua hebraica/aramaica para os judeus, traduzindo mais tarde o texto para o grego. Segundo

<sup>6</sup>Donald A. Hagner, *Matthew 1–13*, Word Biblical Commentary, vol. 33A. Dallas: Word Books, 1993, p. lxxvi.

<sup>7</sup>Ibid., p. 12.

<sup>8</sup>France, p. 33.

Eusébio, Papias afirmou que “Mateus escreveu os oráculos na língua hebraica”. Orígenes disse que o Evangelho de Mateus “foi preparado para os convertidos do judaísmo e publicado na língua hebraica”<sup>9</sup>. Eusébio também disse que, segundo Panteno de Alexandria (aprox. 170 d.C.), Bartolomeu viu uma cópia do Evangelho de Mateus em hebraico nas Índias<sup>10</sup>. Irineu afirmou que “Mateus também editou um Evangelho escrito entre os hebreus no próprio dialeto deles, enquanto Pedro e Paulo pregavam em Roma e lançavam os fundamentos da Igreja”<sup>11</sup>. Jerônimo escreveu que Mateus, enquanto esteve na Judeia, escreveu seu Relato do Evangelho em hebraico<sup>12</sup>.

Observam-se várias dificuldades na suposição de que Mateus teria sido escrito originalmente em hebraico/aramaico. Em primeiro lugar, a literatura cristã primitiva não contém citações de um Mateus em hebraico/aramaico. Em segundo lugar, o texto grego de Mateus cita a Septuaginta (LXX), e este fato argumenta contra o Evangelho de Mateus ter sido uma tradução de um original hebraico/aramaico. Em terceiro lugar, o texto grego contém vários trocadilhos possíveis somente no grego (6:16; 16:18; 21:41; 24:30)<sup>13</sup>. Em quarto lugar, o texto grego não parece ser uma tradução. Leon Morris reconheceu este fato:

Ocorre aqui um dilema, por um lado, pelo fato de haver uma unanimidade desde os primórdios de que Mateus seria um escrito antigo semítico e, por outro lado, pelo fato de que o Evangelho que temos em mãos é considerado um texto escrito originalmente em grego, não sendo uma tradução. Isto pode ser por que alguns eruditos sustentam que nosso Mateus grego não é uma tradução de um original hebraico ou aramaico, mas uma nova edição dele.<sup>14</sup>

Jack P. Lewis concluiu:

...apesar de os pais da igreja mencionarem um original hebraico, eles mesmos conheciam pessoalmente e usaram somente um livro grego, deixando sem resposta a difícil questão da relação deste livro grego que eles usavam com o

<sup>9</sup>Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* 3.39.16; 6.25.4.

<sup>10</sup>Ibid., 5.10.3.

<sup>11</sup>Irineu, *Contra Heresias* 3.1.1.

<sup>12</sup>Jerônimo, *Vidas de Homens Ilustres* 3; *Prefácio a Mateus*.

<sup>13</sup>Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew*, Part 1, *The Living Word Commentary*. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 13.

<sup>14</sup>Leon Morris, *The Gospel according to Matthew*, *Pillar Commentary*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992, p. 13.

hebraico que mencionaram.<sup>15</sup>

Se de fato existe um texto de Mateus em hebraico, não temos prova física dele além das alegações dos pais da igreja. Independentemente da língua original desse livro, ele foi claramente escrito para judeus com o propósito de convencê-los de que Cristo era o cumprimento de suas esperanças messiânicas. Uma expressão frequente em Mateus é “isto aconteceu para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta” (21:4). Ele “cita ou faz alusão ao Antigo Testamento cerca de sessenta e cinco vezes, usando ora o Antigo Testamento hebraico, ora a Septuaginta grega”<sup>16</sup>. Essas citações foram extraídas de todas as divisões da Bíblia hebraica, incluindo a “lei de Moisés, os Profetas e os Salmos” (Lucas 24:44).

Referências ao Antigo Testamento são usadas em Mateus de várias maneiras. Algumas podem ser profecias diretas que só se cumprem em Cristo. Outras podem ser profecias de cumprimento duplo que se cumpriram inicialmente no tempo dos profetas, e depois, de um modo mais abrangente, em Cristo. Algumas referências são usadas tipologicamente. France argumentou que, segundo o método tipo/antitipo, pessoas, fatos e instituições do Antigo Testamento que “não carregavam nenhuma referência explícita ao futuro” recebem um correspondente direto no Novo Testamento<sup>17</sup>.

O Evangelho de Mateus começa com a recitação da genealogia de Cristo (1:1–17). A linhagem familiar de Jesus seria de pouco interesse para os gentios, mas era uma questão séria para os judeus. De fato, para eles, era absolutamente essencial que o escritor provasse a alegação de que Jesus é “filho de Davi” e, como tal, por direito, herdeiro do trono de Davi.

## ORGANIZAÇÃO

Mateus apresenta a vida e a obra de Cristo de uma forma bem organizada e sistemática. Basicamente, pode-se dividir o livro em onze seções. Seis seções de narrativa, compostas principalmente pelos feitos de Jesus<sup>18</sup>, são alternadas com cinco seções de ensino:

<sup>15</sup>Lewis, p. 14.

<sup>16</sup>Henry Clarence Thiessen, *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943, p. 138.

<sup>17</sup>France, p. 40.

<sup>18</sup>Os ensinamentos de Jesus são, às vezes, também incluídos nas seções narrativas.

Narrativas:	Blocos de Ensino:
1:1—4:25	5:1—7:27
8:1—9:38	10:1—42
11:2—12:50	13:1—52
13:54—17:27	18:1—35
19:2—22:46	23:1—25:46
26:2—28:20	

Cada seção de ensino conclui com uma afirmação transitiva como esta: “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras” (7:28, 29; 11:1; 13:53; 19:1; 26:1).

### MILAGRES

Mateus registra vinte milagres específicos que Jesus realizou. Três deles são únicos neste relato: os dois cegos que recuperaram a visão (9:27–31), a cura do mudo endemoninhado (9:32, 33) e a moeda que Pedro achou na boca de um peixe (17:24–27). Os demais milagres mencionados no registro de Mateus envolvem a cura de vários males: um leproso anônimo (8:2–4), o servo de um centurião (8:5–13), a sogra de Pedro (8:14, 15), os endemoninhados gadarenos (8:28–34), um paralítico (9:2–8), a mulher hemorrágica (9:20–22), o homem com a mão atrofiada (12:9–13), a filha da cananeia (15:21–28), o menino endemoninhado (17:14–21) e os dois cegos perto de Jericó (20:29–34). Jesus também realizou vários outros milagres: acalmou uma tempestade (8:23–27), ressuscitou a filha de Jairo (9:18–26), alimentou cinco mil pessoas (14:13–23), andou sobre as águas e acalmou uma tempestade (14:24–33), alimentou quatro mil pessoas (15:32–38) e amaldiçoou uma figueira (21:19–21). Todos esses milagres são sintetizados com as palavras: “De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então, glorificavam ao Deus de Israel” (Mateus 15:29–31).

### ENSINOS E PARÁBOLAS

O Evangelho de Mateus fornece o mais extenso relato dos ensinamentos de Jesus. Pelo menos sessenta por cento do livro enfocam o que Jesus ensinou. Ele nos apresenta com seis dos principais discursos do nosso Senhor, dispostos em cinco seções de ensino:

1. O sermão do Monte (cap. 5—7);
2. Jesus envia os Doze (cap. 10);
3. Parábolas do reino (cap. 13);
4. A vida no reino (cap. 18);

5. Jesus denuncia os escribas e os fariseus (cap. 23) e faz Seu discurso profético no Monte das Oliveiras (cap. 24 e 25).<sup>19</sup>

O Sermão do Monte só aparece em Mateus. Lucas inclui um Sermão na Planície que contém alguns pontos semelhantes, mas pode não se tratar do mesmo discurso (Lucas 6:17–49). Mateus é o único Evangelho em que se descrevem cenas do julgamento (cap. 13 e 25).

Dependendo de como se classificam as parábolas, Mateus registra pelo menos catorze, das quais onze só aparecem nele. As parábolas repetidas nos outros Evangelhos são a do semeador (13:1–23), do grão de mostarda (13:31, 32) e da vinha (21:33–41). As parábolas exclusivas em Mateus são a do joio (13:24–30, 36–43), do tesouro escondido (13:44), da pérola de grande valor (13:45, 46), da rede (13:47–50), do pai de família (13:51, 52), do servo-credor incompassivo (18:23–35), dos trabalhadores na vinha (20:1–16), dos dois filhos (21:28–32), das bodas do filho do rei (22:2–14), das dez virgens (25:1–13) e dos talentos (25:14–30).

### DATA E LOCAL

O fato de Mateus ser frequentemente citado em documentos cristãos do fim do primeiro século e começo do segundo século nos dá fortes evidências de que esse Evangelho foi escrito em algum momento do primeiro século<sup>20</sup>. Apesar da falta de provas suficientes para se afirmar isto dogmaticamente, é razoável crer que Mateus foi escrito antes da queda de Jerusalém e de seu templo, no ano 70 d.C. Quando Mateus escreveu, aparentemente ambos ainda estavam em pé (24:2, 15–28). Além disso, a ligação óbvia em Mateus 24 com a iminente destruição de Jerusalém empresta apoio a essa possibilidade. A inclusão das admoestações de Jesus para “fugirem para os montes” e “orarem para que a fuga não se desse no inverno, nem no sábado” (24:16, 20) parece desnecessária, se a cidade já tivesse sido destruída. Se Jerusalém já tivesse caído, Mateus certamente teria mencionado esse fato.

Irineu atestou que o Evangelho de Mateus

<sup>19</sup>Existe uma forte ligação entre os discursos nos capítulos 23 e 24. Jesus pronunciou os “Ais” contra os fariseus (cap. 23) com a destruição de Jerusalém (cap. 24) em mente. No fim da denúncia contra os fariseus, Jesus disse: “Eis que a vossa casa vos ficará deserta” (23:38).

<sup>20</sup>1 Clemente 13.2; 2 Clemente 3.2; 4.2; Didaquê 1.2–5; 3.7; 7.1; 8.2; 9.5; 13.2; Ignacio, *Esmirnienses* 1.1; Policarpo 2.2; Barnabé 4.14; 5.9; Policarpo, *Filipenses* 2.3; 7.2.

foi escrito enquanto Pedro e Paulo pregavam em Roma<sup>21</sup>. Esta afirmação, se for correta, exige uma data próxima aos anos 60 do primeiro século. J. W. McGarvey fixou a data entre 42 e 58 d.C. Ele raciocinou da seguinte forma: se Mateus foi escrito primeiro, tinha que preceder o escrito de Lucas – o qual ele datou no mesmo momento da prisão de Paulo em Cesareia, em 58–60 d.C.<sup>22</sup>

Eusébio relatou que quando Mateus estava pronto para deixar a Palestina e evangelizar outro lugar, ele escreveu em hebraico o que estivera pregando<sup>23</sup>. A tradição sugere que Mateus ministrou na Palestina por muitos anos após a ascensão de Jesus ao céu, fazendo posteriormente viagens missionárias aos judeus da Dispersão que se espalharam nas regiões do Império Romano. A tradição também associa o livro de Mateus com a Pérsia (atual Irã), a Etiópia, a Síria e a Grécia.

Todavia, não existe prova substancial de que Mateus escreveu fora da Palestina, embora a proposta de B. H. Streeter de que ele escreveu na Antioquia da Síria seja amplamente aceita<sup>24</sup>. William Hendriksen forneceu uma boa declaração do que podemos saber sobre a datação de Mateus:

Quanto à data e ao local de origem há muitas incertezas. O conhecimento de Mateus do Antigo Testamento hebraico e seu acesso aos manuscritos hebraicos parecem apontar para uma data em que o rompimento com a sinagoga onde esses manuscritos foram guardados ainda não havia se consumado, e para a Palestina como o lugar ou região geral onde o escrito surgiu... Considero que não seja muito distante de 63–66 d.C. Não pode ser muito antes disso, pois 27:8 e 28:15 implicam que havia se passado um bom tempo desde o Calvário.<sup>25</sup>

### PROPÓSITO

Ao responder à pergunta: “Qual é o propósito deste Evangelho?”, Hendriksen forneceu este resumo:

<sup>21</sup>Irineu, *Contra Heresias* 3.1.1.

<sup>22</sup>J. W. McGarvey, *The New Testament Commentary*, vol. 1, *Matthew and Mark* (S.p., 1875; reimpressão, Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d.), pp. 9–10. A datação que McGarvey atribuiu a Lucas baseou-se no fato de que Lucas-Atos é uma obra em dois volumes (Lucas 1:1–4; Atos 1:1, 2). Visto que Atos termina com Paulo preso numa casa em Roma por volta de 61–63 d.C. (Atos 28:30, 31), presume-se que Lucas tenha terminado Atos nesse tempo. O Evangelho de Lucas foi escrito pouco antes de Atos.

<sup>23</sup>Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* 3.24.6.

<sup>24</sup>Streeter, p. 502.

<sup>25</sup>William Hendriksen, *New Testament Commentary: Exposition of the Gospel According to Matthew*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1973, p. 97.

1. *Transição* do reino das trevas para o reino de luz: a conversão desses judeus que até então ainda não haviam experimentado a mudança espiritual básica. Eles precisavam ser lembrados dos grandes privilégios a eles concedidos, e também das terríveis consequências de se recusar ouvir o chamado de Deus (10:5ss.; 11:25–29; 23:37–39).

2. *Transformação*: renovação constante da vida de parte dos judeus (a maioria) que, pelo poder do Espírito, já haviam se rendido a Cristo. Foi mostrado a eles como deveriam se conduzir para que abençoassem a outros, para a glória do Pai do céu (4:19; 5:16, 43–48; 6:19ss.; 7:1ss., 24–27; etc.).

3. *Defesa* de verdade de Deus contra o ataque de adversários mordazes (5:17ss.; 6:2ss.; cap. 12; 13:10ss., 54–58; 15:1–20; 16:1–4; cap. 23, etc.).

4. *Evangelização* de todas as nações (8:5–13; 15:21–28; 28:16–20).<sup>26</sup>

### DESTINATÁRIOS

A questão sobre quem recebeu este Evangelho em primeira-mão já foi parcialmente respondida na exposição que fizemos sobre o título do livro. Todavia, vamos examinar essa questão agora mais detalhadamente.

Considerando que o propósito do livro é principalmente provar que Jesus de Nazaré era o Messias predito no Antigo Testamento, deduzimos que ele foi escrito por um judeu e, primeiramente, para leitores judeus. Mateus usou as profecias do Antigo Testamento que se cumpriram em Jesus para convencer os judeus de que Jesus era o Cristo, o Messias. Há uma expressão, ou outra semelhante a esta, usada coerentemente pelo autor para ilustrar a realidade messiânica de Jesus: “Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta” (1:22; veja 2:15, 17, 23; 3:3; 4:14; 8:17; 11:10, 13; 12:17; 13:14, 35; 15:7; 21:4, 42; 26:31, 56; 27:9).

Outro aspecto que corrobora o ponto de vista de que Mateus foi escrito primeiramente para um público judeu é a genealogia que mostra a relação de Cristo com Abraão através de Davi (1:1–17). As genealogias eram extremamente importantes para os judeus, mas de pouco interesse para os gentios. Embora Cristo fosse Deus, através de uma concepção miraculosa, Ele Se fez carne. Nascido da virgem Maria, Ele veio de uma longa linhagem de ancestrais nobres. Ele era “o filho de Abraão” e, portanto, um Filho da aliança. Ele também era “o filho de Davi”, o que O tornava herdeiro, por direito, do trono de Israel. “Filho de Davi” é usado como um título messiânico mais tarde no Evangelho

<sup>26</sup>Ibid., p. 98.

lho (9:27; 12:23; 15:22; 20:30, 31; 21:9, 15; 22:42).

O fato de os leitores de Mateus serem predominantemente judeus é também demonstrado pelas palavras hebraicas/aramaicas que não vêm acompanhadas de explicação. Por exemplo, Mateus presumiu que seus leitores sabiam o significado do nome hebraico para “Jesus” (1:21). Como ele não explicou o significado (“O Senhor salva”), um gentio não perceberia o jogo de palavras (“porque ele salvará o seu povo dos pecados deles”). Mateus não precisou explicar costumes judaicos. Por exemplo, ele deduziu que seus leitores judeus entenderiam a tradição de lavar as mãos (15:2), enquanto Marcos explicou-a com detalhes para seus leitores gentios (Marcos 7:3, 4). Mateus também omitiu explicações geográficas que seriam desnecessárias para leitores judeus familiarizados com a Palestina (veja 24:3; Marcos 13:3).

Entre outras provas do caráter judaico deste Evangelho estão a preocupação de Jesus com a salvação dos judeus (10:5, 6; 15:24), a atitude do escritor em relação à Lei (5:17–20) e aos escribas e fariseus. Apesar de estarem revestidos de autoridade em 23:2, 3, foram condenados no mesmo capítulo por causa de sua hipocrisia (23:13–33).

Embora Mateus estivesse escrevendo primeiramente para judeus, os gentios não foram excluídos (2:1–12; 4:15, 16; 8:5–13; 10:18; 12:18, 21; 15:21–28; 24:14; 28:19). Usando as palavras de Robert M. Grant, “Mateus é um cristão que sabe que o evangelho visava não só aos judeus, mas também aos gentios – ou seja, ‘primeiro o judeu e também o grego’ (Romanos 1:16).”<sup>27</sup>

Pode-se também dizer que Mateus escreveu seu Relato do Evangelho para todas as pessoas que pertencem à era cristã, pois ele declarou que Jesus é o Messias e o Filho do Homem, o soberano Senhor do Seu reino, a igreja.

### ESBOÇOS

Vários esboços de Mateus foram propostos, cada um enfatizando um aspecto diferente do livro. O esboço a seguir enfatiza a cronologia das viagens de Jesus<sup>28</sup>.

- I. INTRODUÇÃO (1:1—4:11)
- II. MINISTÉRIO NA GALILEIA (4:12—13:58)
- III. MINISTÉRIO NAS REGIÕES EM TORNO

<sup>27</sup>Robert M. Grant, *A Historical Introduction to the New Testament*. Nova York: Simon and Schuster, 1972, p. 130.

<sup>28</sup>Adaptado de France, p. 58.

DA GALILEIA (14:1—16:12)

- IV. A VIAGEM PARA JERUSALÉM (16:13—20:34)
- V. CONFRONTAÇÃO EM JERUSALÉM (21:1—25:46)
- VI. A CRUCIFICAÇÃO E A RESSURREIÇÃO (26:1—28:20)

Este outro esboço refere-se ao modelo de organização previamente comentado, o qual contém onze seções:<sup>29</sup>

- I. INTRODUÇÃO A JESUS (1—4)
- II. ORDENANÇAS DE JESUS: O SERMÃO DO MONTE (5—7)
- III. OS FEITOS DE JESUS PARA ISRAEL (8; 9)
- IV. A COMISSÃO DE JESUS AOS APÓSTOLOS (10)
- V. ISRAEL REJEITA JESUS (11; 12)
- VI. PARÁBOLAS DO REINO QUE EXPLICAM A REJEIÇÃO DE ISRAEL (13)
- VII. O NOVO POVO DE DEUS, A IGREJA (14—17)
- VIII. A VIDA NO REINO: PERDÃO E DISCIPLINA (18)
- IX. INÍCIO DA PAIXÃO (19—22)
- X. O JULGAMENTO CONTRA JERUSALÉM E A SEGUNDA VINDA (23—25)
- XI. A CRUCIFICAÇÃO E A RESSURREIÇÃO (26—28)

O esboço usado neste comentário reforça as fases da vida de Jesus bem como o Seu reinado:

- I. O NASCIMENTO E A INFÂNCIA DE JESUS CRISTO, O REI (1:1—4:11)
- II. O INÍCIO DO MINISTÉRIO DO REI (4:12—10:42)
- III. A REAÇÃO AO MINISTÉRIO DO REI (11:1—12:50)
- IV. CONTINUAÇÃO DO MINISTÉRIO DO REI (13:1—18:35)
- V. O CAMINHO DO REI ATÉ A CRUZ (19:1—25:46)
- VI. A PRISÃO, OS JULGAMENTOS E A CRUCIFICAÇÃO DO REI (26:1—27:66)
- VII. A RESSURREIÇÃO E A COMISSÃO DO

<sup>29</sup>Adaptado de Dale C. Allison, Jr., “Matthew: Structure, Biographical Impulse and the *Imitatio Christi*”, em *The Four Gospels 1992*, ed. F. Van Segbroeck, et al. Leuven: Leuven University Press, 1992, p. 1208.

REI (28:1–20)

### ESBOÇO DETALHADO

- I. O NASCIMENTO E O COMEÇO DA VIDA DE JESUS CRISTO, O REI (1:1—4:11)
  - A. Capítulo 1: Nascimento de Jesus
    - 1. A genealogia de Jesus, o Messias (1:1–17)
    - 2. A anunciação a José e o nascimento virginal (1:18–25)
  - B. Capítulo 2: Os Primeiros Anos de Vida de Jesus
    - 1. A visita dos magos (2:1–12)
      - a. A chegada dos magos a Jerusalém (2:1, 2)
      - b. Herodes convoca os líderes religiosos (2:3–6)
      - c. O encontro secreto de Herodes com os magos (2:7, 8)
      - d. A chegada dos magos a Belém (2:9–12)
    - 2. A preservação de Jesus (2:13–23)
      - a. A fuga para o Egito (2:13–15)
      - b. A ira de Herodes (2:16–18)
      - c. A volta para Nazaré (2:19–23)
  - C. Capítulo 3: A Preparação para a Vinda de Jesus e Seu Batismo
    - 1. O precursor de Jesus (3:1–12)
    - 2. O batismo de Jesus (3:13–17)
  - D. Capítulo 4: As Tentações de Cristo (4:1–11)
- II. O COMEÇO DO MINISTÉRIO DO REI (4:12—10:42)
  - A. Capítulo 4 (continuação): Introdução ao Ministério de Jesus (4:12–25)
    - 1. A residência em Cafarnaum (4:12–17)
    - 2. Os primeiros discípulos são chamados (4:18–22)
    - 3. O breve ministério na Galileia (4:23–25)
  - B. Capítulo 5: O Sermão do Monte, Parte 1
    - 1. As Bem-aventuranças (5:1–12)
    - 2. Sal e luz (5:13–16)
    - 3. O cumprimento da Lei (5:17–20)
    - 4. Ódio e assassinato (5:21–26)
    - 5. Adulterio (5:27–30)
    - 6. Divórcio (5:31, 32)
    - 7. Dos juramentos (5:33–37)
    - 8. Vingança (5:38–42)
    - 9. Amor pelos inimigos (5:43–48)
  - C. Capítulo 6: O Sermão do Monte, Parte 2
    - 1. Uma advertência geral (6:1)
    - 2. Ofertas (6:2–4)
    - 3. Oração (6:5–15)
    - 4. Jejum (6:16–18)
    - 5. Acumulando tesouros (6:19–21)
    - 6. Visão perfeita (6:22, 23)
    - 7. A escolha dos dois senhores (6:24)
    - 8. Superando a preocupação (6:25–34)
  - D. Capítulo 7: O Sermão do Monte, Parte 3
    - 1. Julgamento certo (7:1–6)
    - 2. Perseverança na oração (7:7–11)
    - 3. A Regra de Ouro (7:12)
    - 4. Últimas exortações (7:13–27)
      - a. Dois caminhos diferentes (7:13, 14)
      - b. Dois tipos de árvores e o fruto dos falsos profetas (7:15–20)
      - c. Dois tipos de discípulos (7:21–23)
      - d. Dois tipos de construtores (7:24–27)
    - 5. A admiração da multidão (7:28, 29)
  - E. Capítulos 8 e 9: Suas Credenciais Miraculosas
    - 1. O primeiro conjunto de milagres (8:1–17)
      - a. A cura de um leproso (8:1–4)
      - b. A cura do servo de um centurião (8:5–13)
      - c. A cura da sogra de Pedro (8:14, 15)
      - d. Um resumo da cura de Jesus (8:16, 17)
    - 2. O preço do discipulado (8:18–22)
    - 3. O Segundo conjunto de milagres (8:23–9:8)
      - a. Acalmando a tempestade (8:23–27)
      - b. A cura de dois homens possessos (8:28–34)
      - c. A cura de um paralítico (9:1–8)
    - 4. Um chamado para o discipulado (9:9–17)
      - a. O chamado de Mateus (9:9)
      - b. O convite de Jesus a pecadores (9:10–13)
      - c. Discipulado e jejum (9:14–17)
    - 5. O terceiro conjunto de milagres (9:18–34)
      - a. A cura da mulher hemorrágica e a ressurreição da filha de Jairo (9:18–26)
      - b. A cura de dois cegos (9:27–31)
      - c. A cura de um endemoninhado mudo (9:32–34)
    - 6. Um resumo da obra de Jesus (9:35–38)
  - F. Capítulo 10: Os Mensageiros de Jesus, a Missão e a Mensagem deles
    - 1. Jesus convoca os doze apóstolos

- (10:1–4)
  - 2. A comissão limitada (10:5–15)
  - 3. Advertências (10:16–23)
  - 4. Mais instruções (10:24–42)
- III. A REAÇÃO AO MINISTÉRIO DO REI (11:1—12:50)
- A. Capítulo 11: Da parte das Pessoas que Viram Seus Feitos
- 1. João Batista e Jesus (11:1–19)
  - 2. Cidades que não se arrependeram (11:20–24)
  - 3. A oração de Jesus e Seu grande convite (11:25–30)
- B. Capítulo 12: Da Parte dos Fariseus
- 1. Perguntas sobre o sábado (12:1–14)
  - 2. Interlúdio: Jesus Se retira (12:15–21)
  - 3. Uma provocação à autoridade de Jesus (12:22–37)
  - 4. Um sinal é solicitado (12:38–45)
  - 5. Epílogo: a verdadeira família de Jesus (12:46–50)
- IV. CONTINUAÇÃO DO MINISTÉRIO DO REI (13:1—18:35)
- A. Capítulo 13: As Parábolas do Reino
- 1. A parábola do semeador (13:1–9)
  - 2. O propósito das parábolas (13:10–17)
  - 3. A explicação da parábola do semeador (13:18–23)
  - 4. Três parábolas (13:24–33)
    - a. O joio (13:24–30)
    - b. O grão de mostarda (13:31, 32)
    - c. O fermento (13:33)
  - 5. O propósito das parábolas (13:34, 35)
  - 6. A explicação do joio (13:36–43)
  - 7. Mais três parábolas (13:44–50)
    - a. O tesouro escondido (13:44)
    - b. A pérola valiosa (13:45, 46)
    - c. A rede (13:47–50)
  - 8. Uma parábola conclusiva: o pai de família (13:51, 52)
  - 9. Rejeição em Nazaré (13:53–58)<sup>1</sup>
- B. Capítulo 14: Mais Reação ao Ministério de Jesus (Parte 1)
- 1. A morte de João Batista (14:1–12)
    - a. A visão equivocada de Herodes sobre Jesus (14:1, 2)
  - b. O registro da prisão e morte de João (14:3–12)
2. Alimentando os cinco mil (14:13–21)
  - a. Jesus Se Retira (14:13, 14)
  - b. Jesus alimenta a multidão (14:15–21)
3. Andando sobre o mar (14:22–33)
  - a. Jesus ora sozinho (14:22, 23)
  - b. Jesus anda sobre as águas (14:24–27)
  - c. Pedro vai até Jesus nas águas (14:28–33)
4. Mais curas (14:34–36)
- C. Capítulo 15: Mais Reação ao Ministério de Jesus (Parte 2)
- 1. Conflito com os fariseus (15:1–20)
    - a. Tradições de homens versus a lei de Deus (15:1–9)
    - b. A verdadeira contaminação (15:10–20)
  - 2. A fé de uma cananeia (15:21–28)
  - 3. Recebido entre os gentios (15:29–39)
    - a. Jesus cura multidões (15:29–31)
    - b. Jesus alimenta quarto mil (15:32–39)
- D. Capítulo 16: Mais Reação ao Ministério de Jesus (Parte 3)
- 1. O desejo do povo por um sinal (16:1–4)
  - 2. Jesus adverte Seus discípulos (16:5–12)
  - 3. A boa confissão e Jesus anuncia que edificaria a Sua Igreja (16:13–20)
  - 4. A aproximação da cruz e o primeiro anúncio da morte de Jesus iminente (16:21–23)
  - 5. Jesus declara o preço do discipulado (16:24–27)
  - 6. Jesus promete que alguns veriam o reino (16:28)
- E. Capítulo 17: Mais Reação ao Ministério de Jesus (Parte 4)
- 1. A transfiguração (17:1–13)
    - a. A glorificação de Jesus no monte (17:1–8)
    - b. A pergunta dos discípulos sobre Elias (17:9–13)
  - 2. A cura do filho endemoninhado (17:14–21)
    - a. Jesus cura o menino (17:14–18)

<sup>1</sup>O esboço do capítulo 13 foi adaptado de R. T. France, *The Gospel According to Matthew, The Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 65.

- b. Jesus explica o fracasso dos discípulos (17:19–21)
    - 3. Jesus anuncia pela segunda vez Sua morte iminente (17:22, 23)
    - 4. O pagamento de tributos (17:24–27)
  - F. Capítulo 18: Relacionamentos no Reino
    - 1. Grandeza no reino (18:1–4)
    - 2. Uma advertência contra ser pedra de tropeço (18:5–9)
    - 3. A parábola da ovelha perdida (18:10–14)
    - 4. Resolvendo conflitos (18:15–20)
    - 5. A parábola do servo incompassivo (18:21–35)
- V. O CAMINHO DO REI ATÉ A CRUZ (19:1—25:46)
- A. Capítulo 19: O Ministério de Jesus na Pereia e Judeia (Parte 1)
    - 1. Jesus é interrogado acerca do divórcio (19:1–12)
      - a. Jesus viaja até a Pereia (19:1, 2)
      - b. A pergunta dos fariseus (19:3–9)
      - c. A resposta dos discípulos (19:10–12)
    - 2. Abençoando as criancinhas (19:13–15)
    - 3. Ensinando sobre riquezas e discipulado (19:16–30)
      - a. A pergunta do jovem rico (19:16–22)
      - b. A avaliação de Jesus (19:23–26)
      - c. Os sacrifícios dos apóstolos (19:27–30)
  - B. Capítulo 20: O Ministério de Jesus na Pereia e na Judeia (Parte 2)
    - 1. A parábola dos trabalhadores na vinha (20:1–16)
    - 2. Jesus anuncia pela terceira vez Sua morte iminente (20:17–19)
    - 3. Grandeza no reino (20:20–28)
    - 4. Dois cegos recuperam a visão (20:29–34)
  - C. Capítulo 21: Jesus em Jerusalém: Controvérsia
    - 1. A entrada triunfal (21:1–11)
      - a. A preparação (21:1–7)
      - b. As boas-vindas (21:8–11)
    - 2. A purificação do templo (21:12, 13)
    - 3. Os últimos milagres de cura em Jerusalém (21:14–17)
  - 4. A maldição da figueira (21:18–22)
  - 5. A provocação à autoridade de Jesus (21:23–27)
  - 6. Uma série de parábolas (21:28–46)
    - a. A parábola dos dois filhos (21:28–32)
    - b. A parábola do dono das terras e da vinha (21:33–46)
- D. Capítulo 22: Jesus em Jerusalém: Seus Adversários
- 1. Conclusão de uma série de parábolas: a parábola das bodas do filho do rei (22:1–14)
  - 2. Jesus responde a Seus inimigos (22:15–46)
    - a. A pergunta sobre o pagamento de tributo (22:15–22)
    - b. A pergunta sobre a ressurreição (22:23–33)
    - c. A pergunta sobre o maior mandamento (22:34–40)
    - d. A pergunta sobre o Messias (22:41–46)
- E. Capítulo 23: Jesus em Jerusalém: Sete Ais sobre os Líderes
- 1. Jesus adverte a liderança (23:1–12)
  - 2. Jesus pronuncia sete ais (23:13–36)
  - 3. Jesus lamenta por Jerusalém (23:37–39)
- F. Capítulo 24: Jesus em Jerusalém: o Ensino sobre a Destruição da Cidade e a Segunda Vinda
- 1. Jesus prediz a destruição de Jerusalém (24:1, 2)
  - 2. As perguntas dos discípulos (24:3)
  - 3. A situação antes da destruição de Jerusalém (24:4–14)
    - a. “Vede que ninguém vos engane” (24:4–8)
    - b. “Sereis atribulados” (24:9–14)
  - 4. A destruição de Jerusalém (24:15–35)
    - a. “Fujam quando virem o abominável da desolação” (24:15–22)
    - b. “Não creiam em falsos Cristos” (24:23–28)
    - c. “Aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem” (24:29–31)
    - d. “Jerusalém será destruída nesta geração” (24:32–35)
  - 5. A segunda vinda (24:36–51)
    - a. “Ninguém sabe a hora” (24:36–41)
    - b. “Fiquem prontos” (24:42–51)
- G. Capítulo 25: Jesus em Jerusalém: Suas

Parábolas sobre o Fim dos Tempos

1. A parábola das dez virgens (25:1–13)
2. A parábola dos talentos (25:14–30)
3. A parábola do pastor separando as ovelhas dos cabritos (25:31–46)

VI. A PRISÃO, OS JULGAMENTOS E A CRUCIFICAÇÃO DO REI (26:1—27:66)

A. Capítulo 26: A Prisão e o Julgamento de Jesus por Judeus

1. A conspiração para matar Jesus (26:1–5)
2. Jesus é ungido (26:6–13)
3. Judas concorda em trair Jesus (26:14–16)
4. A Páscoa (26:17–29)
  - a. A preparação (26:17–19)
  - b. O anúncio de um traidor (26:20–25)
  - c. A instituição da Ceia do Senhor (26:26–29)
5. No Monte das Oliveiras (26:30–46)
  - a. A negação dos apóstolos é anunciada (26:30–35)
  - b. Uma hora de angústia (26:36–38)
  - c. Uma hora de oração (26:39–46)
6. Jesus é preso (26:47–56)
  - a. O beijo de traição de Judas (26:47–50)
  - b. A espada de agressão de Pedro (26:51–54)
  - c. Jesus repreende a multidão (26:55, 56)
7. O tribunal judaico (26:57–68)
8. As negações de Pedro (26:69–75)

B. Capítulo 27: O Julgamento Romano de Jesus e Sua Crucificação

1. A sentença do conselho (27:1, 2)
2. Remorso e morte de Judas (27:3–10)
3. O tribunal romano, parte 1 (27:11–14)
4. O tribunal romano, parte 2 (27:15–31)
  - a. A solução proposta por Pilatos (27:15–18)
  - b. O clamor da multidão (27:19–23)

- c. Pilatos cede ao povo (27:24–26)
- d. A zombaria dos soldados (27:27–31)
5. A crucificação de Cristo (27:32–56)
  - a. O trajeto até a cruz (27:32)
  - b. A locação (27:33, 34)
  - c. O método de crucificação (27:35–37)
  - d. Os que foram crucificados com Ele e mais insultos (27:38–44)
  - e. O fim da crucificação e os sinais que a acompanharam (27:45–54)
  - f. As mulheres que observavam a distância (27:55, 56)
6. O sepultamento do corpo de Cristo (27:57–61)
7. A ordem preventiva de Pilatos (27:62–66)

VII. A RESSURREIÇÃO E COMISSÃO DO REI (28:1–20)

A. Capítulo 28: A Ressurreição de Jesus (28:1–15)

1. O túmulo vazio (28:1–7)
2. As testemunhas admiradas (28:8–10)
3. O falso relato (28:11–15)

B. Capítulo 28 (continuação): A Grande Comissão (28:16–20)

VERSÕES DA BÍBLIA  
USADAS NESTE ESTUDO

A21 – Almeida Século 21  
BJ – A Bíblia de Jerusalém  
BV – Bíblia Viva  
KJA – King James Atualizada  
LXX – A Septuaginta, a tradução do Antigo Testamento para o grego  
NTJ – Novo Testamento Judaico  
NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje  
NVI – Nova Versão Internacional  
RA – Almeida Revista e Atualizada  
RC – Almeida Revista e Corrigida

Autor: Sellers Crain

© Copyright 2012 by A Verdade para Hoje  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS